

Duas mulheres movidas pela arte

Luis Antônio Pilar estreia peça que homenageia Léa Garcia e Ruth de Souza, as duas pioneiras do cinema e teatro negro brasileiro



Divulgação

Bárbara Reis (E) dá vida a Ruth de Souza e Ivy Souza é Léa Garcia, que emula um espetáculo que reuniria as duas grandes divas

A morte de Ruth de Souza, aos 98 anos, em 2019, deixou uma sensação de dívida pendente no diretor Luiz Antonio Pilar. Quando Léa Garcia partiu aos 90, logo após a pandemia, o sentimento se intensificou. Agora, o cineasta decide quitar essa conta histórica com “Ruth & Léa”, espetáculo em cartaz no Teatro Glauco Gill, em Copacabana, com Bárbara Reis e Ivy Souza interpretando as duas icônicas atrizes.

A ideia nasceu em 2003, durante uma visita casual à casa de Ruth de Souza. “Era um sábado, ela tinha o hábito de me receber para conversarmos sobre TV e cinema entre um café e biscoitinhos. Para minha surpresa, Léa também estava lá”, lembra Pilar. Foi quando Ruth, primeira brasileira indicada a

um prêmio internacional de interpretação no Festival de Veneza por “Sinhá Moça” (1953), fez uma observação sobre uma questão que povoava o imaginário popular: “Todo mundo acha que somos inimigas, mas não somos. Ou é a Léa, ou sou eu, ou é a Zezé Motta. Isso dá a impressão de que estamos disputando entre nós, mas são eles que nos colocam nessa posição e nos oferecem pouquíssimas coisas”, disse a atriz, confidenciando seu desejo de fazer uma peça com Léa sob a direção de Pilar.

O espetáculo materializa esse encontro nunca realizado. No cenário de Lorena Lima, que evoca um estúdio cinematográfico, duas atrizes chamadas Zezé e Elisa se preparam para interpretar Ruth e Léa em um filme musical sobre suas vidas. Os nomes remetem a Zezé Motta e Elisa Lucinda, continuadoras do legado das pioneiras. Enquanto se preparam para as filmagens, elas refletem sobre as trajetórias dessas mulheres que abriram caminhos no cinema e teatro brasileiros, compar-

tilhando anseios e conquistas sob o acompanhamento musical de Gláucia Negreiros ao piano.

Para Bárbara Reis, que retorna aos palcos após sete anos, a experiência representa um novo olhar artístico. “Tenho adquirido uma perspectiva diferente a partir do olhar cênico dele (Pilar), com liberdade para arriscar e também ser ridícula”, explica a atriz, que interpreta Ruth de Souza. O maior desafio tem sido conter sua própria energia para dar vida à personalidade mais contida de Ruth. “É um misto de euforia e realização. A mensagem principal é: nada se constrói sozinho.”

Ivy Souza, que interpreta Léa Garcia, conheceu pessoalmente a veterana atriz em 2019, quando Léa assistiu ao espetáculo “Isto É um Negro”. “Está sendo muito marcante para mim. Ela sempre foi uma das minhas maiores referências”, revela Ivy, refletindo sobre o legado das pioneiras. “Sendo uma atriz negra, tenho consciência de como ela e Ruth puderam mobilizar tantas coisas com as poucas possibilidades que tiveram. E fico pensando: qual futuro é possível plantar agora? Para que um artista negro possa viver a experiência de exercer sua arte como ofício, é preciso suporte e rede.”

SERVIÇO RUTH & LEA

Teatro Glauco Gil (Praça Cardeal Arcoverde s/nº, Copacabana)
Até 28/7, sábado a segunda (20h)
Ingressos: R\$ 60, R\$ 30 (meia) e R\$ 20 (vale cultura e passaporte cultural)

Morte, vida e resistência

Espectáculo premiado do Centro Calouste Gulbenkian sugere reflexão sobre os direitos humanos de crianças e adolescentes das periferias

A violência policial nas favelas brasileiras ganha contornos teatrais em “Ninguém me Ensinou a Morrer”, espetáculo que estreia no Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá. A montagem, que já conquistou 12 premiações em festivais nacionais e internacionais, propõe uma reflexão urgente sobre os direitos humanos de

crianças e adolescentes das periferias urbanas através de uma narrativa que entrelaça vida, morte e resistência.

Sob a direção de Vilma Melo, o grupo teatral do Centro de Artes Calouste Gulbenkian, na Praça Onze, apresenta uma encenação que desafia convenções estéticas tradicionais. Para a diretora, que também atua como professora de teatro, o objetivo da obra é um chamado à ação concreta e urgente.

“O maior objetivo desta peça é inspirar ações concretas em prol da justiça social, da equidade e do respeito à dignidade humana, visando construir um futuro onde todas as crianças e adolescentes tenham a oportunidade de crescer em um ambiente



Any Duarte/Divulgação

O espetáculo gira em torno da sensação de insegurança vivida por jovens da periferia

livre de violência, discriminação e exclusão”, explica.

A dramaturgia se estrutura em três níveis

narrativos que percorrem a existência nas favelas, tendo como ponto de partida uma megaoperação policial que ameaça interromper sonhos e vínculos afetivos dos jovens protagonistas. O espetáculo constrói sua linguagem cênica através de movimentos e camadas de dor, resistência e esperança que marcam corpos atravessados pela marginalização social e pela violência estrutural.

A força dramática reside na pergunta que ecoa como ferida aberta ao longo da encenação: “alguém aí já te ensinou a morrer?”. Esta questão atravessa a narrativa de jovens que enfrentam a incerteza de sobreviver a mais uma noite diante da violência que atinge especificamente corpos negros e periféricos.

SERVIÇO

NINGUÉM ME ENSINOU A MORRER
Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá (Av. Geremário Dantas, 940 - Freguesia)
De 26/7 a 3/8, sábados (19h) e domingos (17h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)